

A CIDADE COMO ESPAÇO DESIGUAL. ALGUNS ASPECTOS DAS MIGRAÇÕES PARA O PORTO ENTRE 1940 E 1969

RUI LEANDRO ALVES DA COSTA MAIA
UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA

O artigo faz uma descrição quantitativa dos migrantes que ao momento do casamento residiam na cidade do Porto, entre 1940 e 1969, confrontando-os com a geração anterior; evidencia ainda, de forma simples, a questão da homogamia geográfica.

This article makes a quantitative description about the migrants who lived in Oporto city at marriage moment, between 1940 and 1969, and compared the results with a anterior generation; with simplicity approach yet the geographical proximity between the consorts.

INTRODUÇÃO

A quantificação das migrações internas encontra algumas dificuldades dadas as lacunas que as fontes mais comuns ao estudo da população apresentam. Efectivamente, tanto os censos como os anuários demográficos do Instituto Nacional de Estatística não registam todos os que em cada decénio ou ano, respectivamente, mudaram de residência dentro do espaço nacional, em qualquer das escalas geográficas: região, distrito, concelho ou freguesia. Tal estudo, a partir destas fontes, pode ser elaborado por aproximação grosseira medindo o diferencial de indivíduos para cada um dos espaços de um período para outro. Eis a formula mais conhecida e praticada. Entre nós servem de referência a este propósito os trabalhos de Girão (1948) e de Evangelista (1971). Além desta, podem ainda medir-se tais cambiantes de gente entre espaços estabelecendo-se a relação com variáveis susceptíveis de caracterizarem os movimentos da população (imigração e emigração) através da chamada equação de concordância demográfica (cf. Nazareth, 1988: 302-304).

Como ponto de partida à percepção do fenómeno, optamos por fazer a sua observação pelos registos de casamento. A partir de uma amostragem sistemática¹ dos registos de casamento constantes na paróquia do Bonfim, entre 1940 e 1969, foi constituída uma base de dados fornecedora de um conjunto de indicadores, que muito parcialmente aqui usamos. Dela constam 3.198 actos de casamento e, no global, 17.580 indivíduos, nubentes e seus progenitores. Os registos de casamento são uma fonte nominativa bastante completa para o estudo das migrações. Permitem uma abordagem muito para além daquela que se pode obter a partir de "fontes oficiais": as idades ao casamento, a naturalidade e a residência, a ocupação dos nubentes são dados importantes, completados pela existência da naturalidade e residência dos pais dos nubentes.

Por uma análise e observação parciais dos dados em confronto com literatura adequada, intentamos fazer uma descrição sobre alguns aspectos relacionados com as migrações para o espaço urbano portuense.

¹ De forma sistemática, para cada três casamentos constantes dos livros anuais do arquivo paroquial do Bonfim recolhemos um, o que equivale a uma amostra de 1/3 do universo.

1. A CIDADE: ESPAÇO ATRACTIVO, ESPAÇO DESIGUAL

A fixação de pessoas a determinado espaço por detrimento de outro é o resultado de uma conjugação de factores que, por comodidade expositiva, se costumam agrupar nos termos *pull* e *push*, empregues por relação um com o outro. Significam, respectivamente, atractividade de pessoas a um espaço, por residência e/ou ocupação, e, por consequência, repulsão de pessoas de um espaço determinado em favor do primeiro. O estudo da população urbana, constituída por grande número de migrantes, parte precisamente desta lógica expositiva. Na base da fixação de pessoas à cidade estão sempre, no seu conjunto ou parcialmente, factores económicos, sociais e culturais que funcionam como atractivos ao mesmo tempo que no espaço de origem dos migrantes esses mesmos factores rareiam ou não existem.

Entender as migrações internas, nomeadamente o êxodo rural para o período e espaço aqui abordados, implica que conjuguem estas duas realidades: a terra de origem, associada ao campo, e a terra de destino conotada com a cidade. E, nesta relação, os motivos que explicam os fluxos e refluxos de pessoas de um espaço para outro são de ordem vária². Todos, no entanto, se “jogam” e alteram no tempo, de acordo com o evoluir da dinâmica dos espaços,

² Duchac faz referência à tipificação que Samuel Stouffer utiliza para designar o carácter atractivo de uma cidade ou região. Na base dos movimentos migratórios, segundo ele, estão três razões: “1) la présence de migrants potentiels au point d’origine; 2) l’existence d’occasion au foit d’arrivée; et 3) le degré d’information des migrants potentiels, relativement aux occasions.” (1974: 293).

quer pelo alargamento funcional do espaço de origem ou alternativas que a ele surjam, quer ainda pelo encurtar das distâncias físicas e económicas a partir do incremento das acessibilidades.

O crescimento ou decréscimo da população urbana deriva da existência de maiores ou menores assimetrias que, em cada momento, a cidade mantiver em relação a outros espaços. A cidade aparece assim como um espaço desigual em que a flutuação das migrações acompanha, em proporção, as desigualdades que ela promove em relação a outros espaços. Foi nesta perspectiva que A. Sedas Nunes, acentuando as assimetrias económicas, sociais e a discriminação de rendimentos, chamou a atenção para a existência de uma “sociedade dualista em evolução”: um Portugal industrial e urbano, dos grandes centros de Lisboa e Porto, em desenvolvimento a confrontar com um Portugal rural em estagnação, correspondente à maior parte do território³. A percepção de um território nacional desigual, assente na dicotomia industria e cidade por oposição à agricultura e ao campo é entre nós ancestral, na prática e no pensamento. Remonta à Idade Média, se quisermos perceber o esforço dos primeiros monarcas em povoarem as zonas do interior, ainda que por motivos de circunstância e diversos; desenvolve-se significativamente no

³ Conforme o autor salienta: “Sociedade tradicional fortemente rural e agrícola; mas agricultura estagnada no seu processo de desenvolvimento; logo, sociedade tradicional economicamente estagnante. Sociedade moderna ecentuadamente urbana, industrial e terciária; mas industria e serviços em franco processo de crescimento; logo, sociedade moderna economicamente em expansão.” (Nunes, 1964: 426).

século XIX em virtude das fortes vagas emigratórias para o Brasil (cf. Herculano, 1986; e Martins, 1956); e encontra ecos recentes no discurso pró-regionalista.⁴

O êxodo rural em Portugal, que se traduziu não apenas pelo aumento da população urbana mas também pela sangria emigratória das décadas imediatas ao pós-II Guerra Mundial, esteve intimamente relacional com o desequilíbrio de recursos entre espaços, tal é a evidência dos números e, em grande medida, resultou da inexistência de cidades intermédias e alternativas aos dois maiores centros urbanos do país: Lisboa e Porto (cf. Silva, 1972). Hoje é um facto que nas duas grandes cidades portuguesas, e em toda a área que as envolve, uma grande parte da população tem origem noutros espaços, com implicações na estrutura demográfica existente, mas igualmente com reflexos nas normas, valores e comportamentos colectivos instituídos.

⁴ O debate recente no seio da classe política sobre a regionalização assenta grandemente os seus argumentos no combate a este dualismo País desenvolvido/País subdesenvolvido. Desta forma não é um debate novo; primeiramente foi promovido ao nível académico e técnico, com ênfase para as décadas de cinquenta e sessenta e, já nos finais do Estado Novo, era sentida a necessidade de dar melhores condições de vida às populações rurais e piscatórias, tal foi a preocupação em estender pelo território a acção previdente do Estado através das chamadas Casas do Povo. Em 1972 o Presidente do Conselho dizia a propósito: "As casas do povo têm-se multiplicado: é indispensável que em breve cubram todo o território do País (...). Estamos assim no caminho de, dentro de pouco tempo, ter garantido ao trabalhador rural condições salário e de segurança social semelhantes aos restantes trabalhadores portugueses. No dia em que a esta evolução estiver concluída, sentir-me-ei feliz" (Caetano, s.d.: 9).

2. QUANTOS MIGRAM E DE ONDE MIGRAM?

A capacidade receptora de populações que os espaços urbanos, desde sempre, mas em particular a partir da Revolução Industrial, têm demonstrado induz a que, dentro dos propósitos deste texto, se procure responder em termos quantitativos àquilo a que normalmente os "documentos oficiais" não respondem: quantos migram e de onde migram? De acordo com o Quadro I, 41,06% dos indivíduos que casaram e residiam na cidade eram migrantes.

Quadro I
Indivíduos naturais da cidade ou de fora e nela residentes

Indivíduos naturais da cidade		Indivíduos naturais de fora da cidade	
Nº de conjugues homens	1579	Nº de conjugues homens	1090
Nº de conjugues mulheres	1693	Nº de conjugues mulheres	1190
Nº de pais dos conjugues homens	471	Nº de pais dos conjugues homens	501
Nº de mães dos conjugues homens	682	Nº de mães dos conjugues homens	723
Nº de pais dos conjugues mulheres	554	Nº de pais dos conjugues mulheres	620
Nº de mães dos conjugues mulheres	771	Nº de mães dos conjugues mulheres	788
Total de indivíduos naturais da cidade	5750	Total de indivíduos naturais de fora da cidade	4912

Fonte: Registo Paroquial do Bonfim

O anterior número, já de si significativo, ganha outras dimensões quando comparamos a geração dos nubentes com a dos respectivos progenitores. 57,81% dos que casaram como

naturais e residentes na cidade eram filhos de migrantes (o pai, a mãe ou os dois), como se pode verificar pelo valores abaixo expostos.

Quadro II⁵
Relação entre a origem dos nubentes que residem na cidade e a origem dos respectivos progenitores (números absolutos)

	1940-49		1950-59		1960-69		Total	Total	Total
	H	M	H	M	H	M	H	M	H+M
Origem 2: pai 2, mãe 2	296	291	317	295	230	281	843	867	1710
Origem 2: pai 1, mãe 1	6	7	6	5	0	4	12	16	28
Origem 2: pai 1, mãe 2	6	8	7	14	2	10	15	32	47
Origem 2: pai 2, mãe 1	12	14	16	9	2	9	30	32	62
Origem 1: pai 1, mãe 1	207	213	206	240	151	160	564	613	1177
Origem 1: pai 2, mãe 2	126	150	123	111	82	89	331	350	681
Origem 1: pai 1, mãe 2	69	56	85	98	63	68	217	222	439
Origem 1: pai 2, mãe 1	91	87	86	100	64	65	241	252	493
Total	813	826	846	872	594	686	2253	2384	4637

Fonte: Registo Paroquial do Bonfim

Do total de casamentos efectuados entre 1940 e 1969, 32,6% dos conjugues eram naturais e residentes da cidade; 17,5% ambos eram naturais de fora e residentes na cidade; 14,9% em que os homens eram oriundos de fora da cidade e as mulheres daí naturais, residindo ambos na cidade; e 15,0% em que os homens eram naturais da cidade e as mulheres oriundas

⁵ Há, nos casamentos levantados, omissões em relação aos pais dos progenitores que não constam ou por casos de ilegitimidade, em que não se declarava o pai, a mãe ou os dois, ou simplesmente porque o registo não foi efectuado. Daí que o número dos nubentes não seja proporcional ao dos respectivos progenitores. No quadro o número 1 indica naturalidade da cidade e o 2 naturalidade fora da cidade.

doutros espaços. Para além dos que, vindos de fora e residentes na cidade casaram entre si, as segunda e terceira situações contabilizam 29,89% de casamentos exogâmicos. Deste modo, no espaço em observação há uma permanência acentuada de não naturais que, pelo casamento, se agrupam com os naturais da cidade (ver Quadro A).

Quadro III
Proveniência dos nubentes residentes na cidade, por distritos e por sexos (números proporcionais)

Distritos	1940-49		1950-59		1960-69		Total	Total	Total
	H	M	H	M	H	M	H	M	H+M
Aveiro	6,0	6,7	4,7	6,0	5,8	4,9	5,5	5,8	5,7
Beja	0,0	0,3	0,3	0,0	0,6	0,0	0,3	0,1	0,2
Braga	16,1	17,2	14,6	16,5	16,3	20,8	15,7	18,3	17,0
Bragança	3,3	2,8	3,9	2,2	4,9	3,7	4,0	3,0	3,4
C. Branco	0,3	0,6	0,3	0,0	1,2	0,5	0,6	0,4	0,5
Coimbra	2,5	2,2	1,4	0,8	0,6	2,1	1,5	1,7	1,6
Évora	0,6	0,0	0,0	0,0	0,3	0,2	0,3	0,1	0,2
Faro	0,0	0,0	0,6	0,3	0,0	0,2	0,2	0,2	0,2
Guarda	2,5	2,0	2,5	1,7	1,0	1,6	2,0	1,7	1,9
Leiria	0,6	0,3	0,0	0,0	0,3	0,2	0,3	0,2	0,2
Lisboa	2,2	2,2	2,5	2,5	2,2	1,4	2,3	2,0	2,1
Portalegre	0,6	0,0	0,6	0,6	0,9	0,2	0,7	0,3	0,5
Porto	38,0	43,5	45,9	43,4	38,7	38,9	40,9	41,8	41,4
Santarém	0,3	0,0	0,3	0,3	0,3	0,0	0,3	0,1	0,2
Setúbal	1,4	0,8	0,0	0,0	0,6	0,0	0,7	0,3	0,5
V. Castelo	7,9	3,6	6,6	5,0	3,4	5,4	6,1	4,7	5,3
Vila Real	7,7	8,3	6,1	9,3	8,6	9,3	7,4	9,0	8,2
Viseu	10,4	9,7	10,0	11,5	14,4	10,5	11,5	10,6	11,0
Total	100	100	100	100	100	100	100	100	100

Fonte: Registo Paroquial do Bonfim

Conforme o quadro anterior demonstra, o Norte, com destaque para o distrito do Porto, é o espaço de onde partiram a maior parte dos migrantes que, no período em observação,

vieram para a cidade do Porto. Com maior pormenor podemos constatar que, para o distrito do Porto, a atractividade tanto ocorre a partir de concelhos vizinhos como de outros mais afastados. Ontem como hoje, os motivos que conduziram as pessoas à fixação no espaço urbano são, com toda a certeza, diferenciados. A proximidade física é factor facilitador de fluxos populacionais, tal é o peso das proveniências de Gaia e Gondomar para o Porto; mas, em sentido diverso, as distâncias, que no tempo em observação andam em proporção com as assimetrias, conduziam as pessoas para o êxodo, tal é o significado das migrações com origem em Marco de Canaveses, Penafiel ou Baião.

Quadro IV

Nubentes residentes na cidade com origem no distrito do Porto
(percentagens)

Concelhos	1940-49		1950-59		1960-69		Total		Total H+M
	H	M	H	M	H	M	H	M	
Amarante	10,8	8,9	11,5	8,9	7,9	7,2	10,2	8,3	9,2
Baião	5,8	9,6	4,8	8,2	13,5	13,2	7,7	10,4	9,1
Felgueiras	5,8	4,5	2,4	3,8	7,9	5,4	5,1	4,6	4,8
Lousada	6,5	3,8	6,6	3,8	4,8	7,8	6,0	5,2	5,6
Gondomar	7,9	16,6	13,9	13,3	8,7	12,6	10,4	14,1	12,4
Maia	2,2	2,6	0,0	5,1	4,8	2,4	2,1	3,3	2,7
Marco de Canaveses	15,1	12,7	9,6	13,3	7,9	10,2	10,9	12,0	11,5
Matosinhos	0,7	3,8	5,4	1,9	1,6	0,6	2,8	2,1	2,4
P. Ferreira	5,0	1,9	3,6	1,9	2,4	1,2	3,7	1,7	2,6
Paredes	3,6	4,5	6,0	7,0	7,9	6,6	5,8	6,0	5,9
Penafiel	10,8	12,7	9,6	9,5	15,1	12,0	11,6	11,4	11,5
P. Varzim	0,7	1,3	0,6	0,6	0,8	1,8	0,7	1,2	1,0
Santo Tirso	2,2	3,2	2,4	0,6	2,4	4,8	2,3	2,9	2,6
Valongo	4,3	1,9	4,8	3,8	3,2	4,2	4,2	3,3	3,7
V. Conde	1,4	1,3	3,0	2,5	0,0	1,2	1,6	1,7	1,6
Gaia	17,3	10,8	15,7	15,8	11,1	9,0	14,9	11,8	13,3
Total	100	100	100	100	100	100	100	100	100

Fonte: Registo Paroquial do Bonfim

A atractividade da cidade, manifestada a partir da amostra espacial e documental que usamos, está marcadamente circunscrita ao espaço Norte do país, de forma acentuada no distrito do Porto, como evidência a distribuição percentual das distâncias obtidas a partir de todos os que migraram.

Quadro V

Distância em Km entre o concelho de origem dos nubentes e a cidade
(percentagens)

Distância em Km	1940-49		1950-59		1960-69		Total		Total H+M
	H	M	H	M	H	M	H	M	
< de 20	13,0	16,3	19,7	18,4	12,1	11,4	15,0	15,1	15,1
20-39	11,7	12,9	12,2	12,1	12,7	12,1	12,2	12,3	12,3
40-59	20,9	21,1	16,9	19,2	15,8	19,5	17,9	19,9	19,0
60-79	13,6	11,5	13,9	12,6	14,6	15,8	14,0	13,5	13,7
80-99	8,1	9,6	10,0	8,2	10,2	10,9	9,4	9,7	9,5
100-119	8,4	9,6	7,2	9,6	10,2	8,4	8,5	9,1	8,9
120-139	7,3	6,2	5,5	5,8	6,5	6,7	6,5	6,3	6,4
140-159	4,1	2,0	1,9	2,2	1,5	3,0	2,6	2,4	2,5
160-179	1,6	1,7	1,9	2,7	3,1	2,8	2,2	2,4	2,3
180-199	1,1	2,0	1,9	1,1	1,9	2,6	1,6	1,9	1,8
> de 200	10,3	7,3	8,9	8,0	11,5	6,7	10,2	7,3	8,7
Total	100	100	100	100	100	100	100	100	100

Fonte: Registo Paroquial do Bonfim

Por fim, o quadro seguinte apresenta a percentagem de casamentos realizados entre migrantes provenientes do mesmo concelho, medindo a chamada homogamia geográfica (Girard, 1981: 188-190). Com valores modestos, o que implica, no caso de todos os que vêm de fora e residam na cidade, uma acentuada exogamia.

Quadro VI
Total dos casais com origem no mesmo concelho e
residentes na cidade
 (números absolutos: informação agregada por distritos)

Distritos	1940-49	1950-59	1960-69	Total
Aveiro	1	0	0	1
Beja	0	0	0	0
Braga	8	6	10	24
Bragança	0	0	1	1
C. Branco	0	0	0	0
Coimbra	0	0	0	0
Évora	0	0	0	0
Faro	0	0	0	0
Guarda	1	0	0	1
Leiria	0	0	0	0
Lisboa	0	0	0	0
Portalegre	0	1	0	1
Porto	9	14	11	34
Santarém	0	0	0	0
Setúbal	1	0	0	1
V. do Castelo	0	0	1	1
Vila Real	1	0	0	1
Viseu	2	0	5	7
Total (a)	23	21	28	72
Total dos casais de fora a residir na cidade (b)	188	177	194	559
(a*100)/b	12,23	11,86	14,43	12,88

Fonte: Registo Paroquial do Bonfim

3. CONCLUSÃO

A cidade apresenta-se, de facto e no imaginário, como um espaço desigual ao espaço de origem daqueles que migraram ou objectivam migrar. Essa desigualdade constitui o principal motivo que leva as pessoas a

migrarem. A cidade é o espaço em que, como atrás ficou expresso, homens e mulheres de proveniências geográficas diferenciadas casam entre si; espaço complexo, tanto em número de habitantes como em funções, que coloca aos que migram um conjunto de novas e múltiplas interdependência que em muito ultrapassam o quadro restrito das pequenas comunidades de que estes se desligaram; espaço para onde os migrantes transportam os seus *modus vivendi* e, em simultâneo e por um processo continuado, apreendem o *modus vivendi* instituído. Cada indivíduo que migra e se fixa na cidade tende, nas expressões de Bourdieu (1983: 60-61) a "exteriorizar" as suas "interioridades" e, por sua vez, a "interiorizar" as "exterioridades" vigentes, enquadrando e dinamizando a estrutura social do espaço de acolhimento. É esta dinâmica, traduzida na diversidade geográfica e social, que faz da cidade um espaço desigual. Trata-se, usando um termo de Elias (1980: 158), de um conjunto de configurações alargadas, traduzidas pelo aumento da capacidade de relacionamento dos que migram, mas, em sentido diverso, também se trata de uma menor capacidade que os mesmos têm em controlar as situações sociais em que se encontram envolvidos. A forte exogamia que caracteriza as uniões na cidade serve como exemplo ao primeiro caso, isto é, o aumento da capacidade de relacionamento dos migrantes; e o excessivo peso que a cidade tem, por comparação aos espaços tradicionalmente de origem dos migrantes, em relação à taxa de divórcios como exemplo evidente da segunda situação, ou seja, da incapacidade de controlo das múltiplas situações em que os indivíduos se encontram envolvidos (cf. Quadro A).

Quadro A
 Percentagem de casamentos e de divórcios na cidade do Porto por relação ao distrito do Porto

Anos	Distrito do Porto	Cidade do Porto		Distrito do Porto	Cidade do Porto	
	Casamentos	Casamentos		Divórcios	Divórcios	
	(a)	(b)	$(b*100)/a$	(c)	(d)	$(d*100)/c$
1940	6243	1864	29,9	102	90	88,2
1941	7144	2222	31,1	146	128	87,7
1942	7022	2033	29,0	108	96	88,9
1943	6713	1938	28,9	137	112	81,8
1944	7419	2152	29,0	163	144	88,3
1945	8108	2423	29,9	157	142	90,4
1946	8459	2479	29,3	167	157	94,0
1947	9212	2747	29,8	129	119	92,2
1948	9233	2631	28,5	164	144	87,8
1949	8941	2582	28,9	109	90	82,6
1940-49	78494	23071	29,4	1382	1222	88,4
1950	8682	2445	28,2	116	113	97,4
1951	8717	2507	28,8	178	149	83,7
1952	8820	2411	27,3	150	131	87,3
1953	8769	2553	29,1	126	113	89,7
1954	8828	2515	28,5	120	102	85,0
1955	9469	2695	28,5	97	93	95,9
1956	9110	2517	27,6	90	82	91,1
1957	9501	2635	27,7	88	83	94,3
1958	9572	2657	27,8	44	41	93,2
1959	10047	2696	26,8	62	60	96,8
1950-59	91515	25631	28,0	1071	967	90,3
1960	9408	2398	25,5	54	51	94,4
1961	10952	3070	28,0	40	36	90,0
1962	9576	2723	28,4	57	54	94,7
1963	9790	2807	28,7	50	50	100,0
1964	10069	2651	26,3	49	49	100,0
1965	10417	2782	26,7	50	45	90,0
1966	10531	2578	24,5	39	35	89,7
1967	10969	2817	25,7	35	33	94,3
1968	10578	2632	24,9	33	33	100,0
1969	11279	2829	25,1	24	20	83,3
1960-69	103569	27287	26,3	431	406	94,2
Total	273578	75989	27,8	2884	2595	90,0

Fonte: Anuário Demográfico.

BIBLIOGRAFIA

- BOURDIEU, PIERRE
1983. *Sociologia*. São Paulo: Editora Ática.
- CAETANO, MARCELLO
s.d. *Aos rurais e aos pescadores*. Lisboa: Editorial Gráfica Portuguesa.
- DUCHAC, RENÉ
1974. *La sociologie des migrations aux Etats-Unis*. Paris: Mouton.
- ELIAS, NORBERT
1980. *Introdução à sociologia*. Lisboa: Edições 70 (primeira edição de 1970).
- EVANGELISTA, JOÃO
1971. *Um século de população portuguesa (1864-1960)*. Lisboa: Centro de Estudos Demográficos.
- GIRÃO, AMORIM ET AL
1948. *Migrações internas (1890-1940). Estudos da população portuguesa III*. Coimbra: Centro de Estudos Geográficos F.L.U.C.
- GIRARD, ALAIN
1981. *Le choix du conjoint. Une enquête psychosociologique en France*. Paris, troisième édition. Institut National d'études démographiques: P.U.F. (1.ª ed. 1964).
- HERCULANO, ALEXANDRE
1986. *Opúsculos. Tomo II. Questões públicas. Sociedade, economia, direito*. Lisboa: Bertrand Editora.
- MARTINS, J. P. DE OLIVEIRA
1956. *Fomento rural e emigração*. Lisboa: Guimarães & Cª Editores (originalmente 1887-1892).
- MONTEIRO, PAULO
1985. *Terra que já foi terra*. Lisboa: Salamandra.
- NAZARETH, J. MANUEL
1988. *Princípios e métodos de análise da demografia portuguesa*. Lisboa: Editorial Presença.
- NUNES, A. SEDAS
1964. "Sociedade dualista em evolução", in *Análise Social*. Vol. II (7-8). Lisboa: 407-462.
- SILVA, JOSÉ GENTIL DA
1972. "Vida urbana e desenvolvimento: Portugal, país sem cidades", separata de *Arquivos do Centro Cultural Português*. Vol. V. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian: 734-756.
- TORRES, AMÁLIA CARDOSO
1996. *Divórcio em Portugal. Ditos e interditos*. Oeiras: Celta Editora.